

## UTILIZAÇÃO DE CACTÁCEAS POR SERTANEJOS BAIANOS. TIPOS CONEXIVOS PARA DEFINIR CATEGORIAS UTILITÁRIAS

CÁSSIA TATIANA DA S. ANDRADE<sup>1</sup>, JOSÉ GERALDO W. MARQUES<sup>1</sup> & DANIELA C. ZAPPI<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Lab. de Etnobiologia, Depto. de Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Feira de Santana, Km 03, BR 116, Campus Universitário, 44031-460, Feira de Santana, Bahia, Brasil  
(ctandrade@gmail.com)

<sup>2</sup>Herbarium, RBG, Kew, TWP 3 AE, Richmond, Surrey, England

**(Utilização de cactáceas por sertanejos baianos. Tipos conexivos para definir categorias utilitárias)** –Dentre as conexões seres humanos/vegetal no Semi-árido, destaca-se a conexão de múltiplo uso com cactáceas, incluindo-as como recursos alimentares, medicinais, ornamentais etc. Não existindo conhecimento abrangente que esteja sinteticamente sistematizado, este trabalho teve por objetivo avaliar criticamente a literatura disponível, com base em um estudo etnobotânico de campo realizado em cinco municípios do Semi-árido baiano: Valente, Queimadas, Santaluz, São Domingos e Canudos. Foram feitas entrevistas informais e semi-estruturadas com 32 moradores locais. Seus depoimentos foram registrados em fitas magnéticas e transcritos *verbatim*. A amostra foi definida a partir de encontros *ad libitum* que permitiram um acréscimo por progressão em *bola de neve* e a amostragem foi considerada suficiente com base no efeito de uma inclusão progressiva que permitiu aplicar o critério de exaustividade. O material botânico foi herborizado *in loco*, identificado por especialista e depositado no herbário HUEFS. Foram identificadas taxonomicamente dez espécies, as quais, segundo os informantes, têm utilização local: *Cereus jamacaru* DC., *Harrisia adscendens* (Guerke) Britton & Rose, *Melocactus salvadorensis* Werdermann, *Nopalea cochenillifera* (L.) Salm-Dyck, *Opuntia dillenii* (Ker-Gawler) Haworth, *Opuntia ficus-indica* (L.) Miller, *Opuntia palmadora* Britton & Rose, *Pilosocereus catingicola* (Guerke) Byles & Rowley, *Pilosocereus gounellei* (Weber) Byles & Rowley, *Pilosocereus tuberculatus* (Werdermann) Byles & Rowley. A análise das diversas utilizações permitiu enquadrá-las em oito dos tipos conexivos propostos por Marques: lúdico, médico, místico, econômico, estético, doméstico, erótico e trófico. As conexões do tipo médico e trófico são enquadráveis nos subtipos direto e indireto. As categorias de uso que incluíram o maior número de espécies identificadas foram as correspondentes aos tipos conexivos trófico indireto (n= 10) e direto (n= 6) e médico direto (n= 7). Foram detectadas tanto conexões com *status* de permanência forte (e.g., feitura de cercas vivas - conexão do tipo doméstico; ornamentação - conexão do tipo estético; comercialização - conexão do tipo econômico; “simpatia” - conexão do tipo místico; preparo de remédios – conexão do tipo médico) quanto com *status* de residuárias fracas (e.g., a conexão do tipo doméstico para feitura de portas, janelas, ripas e caibros). Embora alguns dados obtidos estejam de acordo com o já relatado na literatura, muitos deles são originais, o que abre novas perspectivas para uma avaliação adaptativa das populações rurais do Semi-árido.

**Palavras-chaves:** Cactos, etnobotânica ecológica, nordeste Semi-Árido.

**(The use of Cactaceae by sertanejos in Bahia, Brazil. Connexive types to define utilitarian categories)** –The use of cacti is one of the most important connections between humans and plants in the dryland region of Brazil, where they are used as food, medicines and in horticulture, amongst many other purposes. There is presently very little knowledge of this connection available in a systematic and synthetic form. Therefore, the present study aims to evaluate the literature by using a field study in five municipals in the state of Bahia: Valente, Queimadas, Santaluz, São Domingos and Canudos. Informal and semi-structured interviews were carried out with 32 local people. The interviews were tape-recorded and transcribed *verbatim*. The sample was defined after meeting the possible interviewees *ad libitum*, causing the increase of information to flow in a ‘snow-ball’ progression. This method allowed us to reach a level of exhaustive sampling through progressive inclusion of information. The cactus material collected was determined by specialists and detosited at HUEFS herbarium. The ten species identified as used locally by the ‘informants’ were determined as: *Cereus jamacaru* DC., *Harrisia adscendens* (Guerke) Britton & Rose, *Melocactus salvadorensis* Werdermann, *Nopalea cochenillifera* (L.) Salm-Dyck, *Opuntia dillenii* (Ker-Gawler) Haworth, *Opuntia ficus-indica* (L.) Miller *Opuntia palmadora* Britton & Rose, *Pilosocereus catingicola* (Guerke) Byles & Rowley, *Pilosocereus gounellei* (Weber) Byles & Rowley, *Pilosocereus tuberculatus* (Werdermann) Byles & Rowley. The analysis of the diverse uses allowed us to include them in eight of the connective types proposed by Marques: ludic, medical, mystic, economic, esthetic, domestic, erotic and trophic. The medical and trophic connections can be subdivided into direct and indirect sub-types. The use categories with largest number of species were trophic indirect [N= 10] and direct [N= 6], and medical direct [N= 7]. Connections with strong, permanent status were present [e.g. use as hedges - connection of domestic type; as ornamental plants - connection of esthetic type; commercialization - economic connection; ‘white sorcery’ - mystic type; as medicine - medical type] as weak, residual ones [domestic connection related to manufacture of doors, windows and other parts of the house]. Some of the data obtained through this research agree with information found in literature, however, many of the uses registered here are original, and point towards new perspectives for the evaluation of the adaptations of the rural population in the Brazilian dryland.

**Key words:** Cacti, ecological ethnobotany, dryland (Brazilian Northeast).

## INTRODUÇÃO

“A palma, pra mim, tem muita serventia. Serve pra vender pros outros, serve pra comer e pra remédio”  
(M.S., sertaneja de Lagoa Coberta, São Domingos, BA).

Os seres humanos convivem naturalmente com os recursos vegetais, explorando suas potencialidades para satisfazer suas necessidades, seja na alimentação, na medicina, na construção etc.

MARQUES (1995) inclui os seres humanos em um foco de conexões que se expandem, dentre elas a conexão Homem/vegetal. Esta abordagem, denominada de “etnoecologia abrangente”, enfoca as interações entre a humanidade e o resto da ecossfera através da busca da compreensão de sentimentos, comportamentos, crenças e conhecimentos a respeito da natureza. Através dela, é possível propor uma tipologia conexiva entre os seres humanos e os componentes botânicos. Nesta, os tipos conexivos incluem, dentre outros, os seguintes: lúdico, médico (direto e indireto), trófico (direto e indireto), místico, econômico, estético e erótico. Essa tipologia de base comportamental pode estar relacionada com o “jogo de sobrevivência” cultural ou biológico da comunidade.

Dentre as plantas xerófilas da caatinga úteis ao Homem, as cactáceas, segundo MENDES (1997), são recursos vivos da região explorados pela população rural do semi-árido para suprir as suas necessidades de alimentação, vestimenta, medicamentos, energia e habitação.

Os múltiplos usos das cactáceas são destacados nos trabalhos de alguns autores: SILVA (1984), BANDEIRA (1993), AGRA (1996), MOTA (1997), COSTA-NETO & MORAES (2000), TOURINHO (2000) e ANDRADE *et al.* (2001) citam o uso de cactos como remédios; BRAGA (1976), GOMES (1977) e PEDROSA (2000) citam o uso na alimentação humana; BRAGA (1976), GOMES (1977), DUQUE (1980), LIMA (1996) e MENDES (1997) citam o uso na alimentação de animais; ANDRADE-LIMA (1989), LIMA (1996) e RIZZINI & COIMBRA (1988) citam os cactos como ornamentação de praças e jardins.

Outras funções dos cactos como plantas utilitárias são mencionadas nos trabalhos de: OUDSHOORN (1975), ANDRADE-LIMA (1989), CRUZ (1982) e BARROS (1985), como cercas vivas; feitura de portas, janelas, ripas e caibros (BRAGA, 1976; LIMA, 1996); enchimentos de selas e almofadas (ANDRADE-LIMA, 1989; SERAINE, 1983); pintura de casas (QUIRÓS, 1985).

A interação do Homem sertanejo baiano com as cactáceas não é apresentada na literatura de uma forma abrangente, sintética e sistematizada. Por outro lado, os etnoecólogos/etnobotânicos, trabalhando com abordagens utilitárias, enfrentam um grande dilema ao tentar distribuir as espécies por categorias de utilização: se usam uma abordagem êmica (categorização emergente da interação com os informantes), as categorias podem atingir um número alto, tornando difícil a sua análise; se utilizam uma abordagem ética (categorização aprioristicamente definida), pode resultar uma incômoda categoria denominada “outros”, que

apresenta dois inconvenientes: não reflete necessariamente a contextualização cultural e não apresenta consenso entre autores diversos.

Com o objetivo de minimizar este último inconveniente, ANDRADE *et al.* (2001) utilizaram a tipologia proposta por MARQUES (dados não publicados, 1993) para fins analíticos na abordagem por ele denominada “Etnoecologia Abrangente”. Tal tipologia busca abranger o maior número das possíveis interações seres humanos/plantas e uniformizar a terminologia empregada. Este trabalho segue esta via, aprofundando-a com vistas à sistematização do conhecimento sobre a conexão Homem/Cactaceae na região Nordeste do estado da Bahia.

## METODOLOGIA

Foi realizado trabalho de campo no período de abril de 2000 a fevereiro de 2001. Inicialmente, os dados foram coletados através de entrevistas informais, com o objetivo de estabelecer um *rapport* (confiança mútua entre o pesquisador e o informante) com os informantes e, em seguida, através de entrevistas semi-estruturadas, que segundo ALEXIADES (1996), são entrevistas sem roteiro, mas onde o contexto de entrevista existe e a pessoa está informada disto.

As pesquisas incluíram um total de 40 entrevistas com 32 pessoas, em cinco municípios do semi-árido baiano: Valente, Queimadas, São Domingos, Santaluz e Canudos. Nestes locais foram amostrados cinco pontos, respectivamente: Algodões, Pedra Vermelha, Lagoa Coberta, Rua da Palha e Reserva Biológica de Canudos.

As entrevistas foram registradas em fitas magnéticas (com auxílio de um microgravador) e/ou anotadas em caderno de campo. As fitas tiveram transcrição *verbatim* (literal) e foram depositadas no Laboratório de Etnobiologia da UEFS.

A amostra foi definida a partir de encontros *ad libitum* que permitiram um acréscimo por progressão em “bola de neve” e a amostragem foi considerada suficiente com base no efeito de uma inclusão progressiva que permitiu aplicar o critério de exaustividade.

No critério de amostragem *ad libitum*, a inclusão progressiva dá-se a partir de um primeiro informante encontrado “ao acaso” e amplia-se a partir de novos informantes. Na técnica de “bola de neve” (SILVANO, 2001), a ampliação dá-se a partir de um informante encontrado *ad libitum* ou de um informante culturalmente competente já detectado, que recomenda outro com competência, repetindo-se o processo a partir dos novos incluídos.

Foi feita uma análise de cognição comparada, de acordo com técnica desenvolvida por MARQUES (1995), a qual consiste na geração de uma “tabela” que compara fragmentos do *corpus* dos entrevistados com fragmentos do *corpus* da literatura científica, buscando-se convergências ou divergências. Segundo TOLEDO, (1992), *corpus* é o completo repertório de símbolos, conceitos e concepções em relação à natureza.

Foi utilizada a técnica de “aprendizado vivenciado” (ANDRADE, 1983), que consiste em uma participação ativa pelo pesquisador nas atividades do pesquisado, através de observações diretas e vivências em seus contextos de atividades rotineiras.

Os espécimes coletados foram herborizados em campo e encaminhados para o Herbário da Universidade Estadual de Feira de Santana (HUEFS). O material botânico coletado foi fotografado, digitalizado e posteriormente identificado por especialista do Royal Botanic Gardens, KEW. Em seguida, as cactáceas foram relacionadas com as partes utilizadas, os tipos conexivos e as finalidades segundo os indivíduos entrevistados.

Foi utilizado equipamento fotográfico para documentar o ambiente e as interações etnobotânicas, com isto gerando-se “fragmentos seqüenciais” de uma etnografia visual (HARPER, 2000).

**RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Foram identificadas taxonomicamente dez espécies, as quais, segundo os informantes, têm utilização local: mandacaru-de boi (*Cereus jamacaru* DC.), rabo-de-raposa (*Harrisia adscendens* (Guerke) Britton & Rose), cabeça-de-frade (*Melocactus zehntneri* Britton & Rose), palma-de-engorda (*Nopalea cochenillifera* (L.) Salm-Dyck.), palma-de-espinho (*Opuntia dillenii* (Ker-Gawler) Haworth), palma-de-gado (*Opuntia ficus-indica* (L.) Miller), palmatória (*Opuntia palmadora* Britton & Rose), mandacaru-de-facho (*Pilosocereus catingicola* (Guerke) Byles & Rowley), xique-xique (*Pilosocereus gounellei* (Weber) Byles & Rowley) e caxacubrir (*Pilosocereus tuberculatus* (Werdermann) Byles & Rowley).

A análise das diversas utilizações permitiu enquadrá-las em oito dos tipos conexivos propostos por MARQUES: médico, trófico, lúdico, estético, econômico, místico, erótico e doméstico (Fig. 1). As conexões do tipo médico e trófico são enquadráveis nos subtipos direto e indireto, os quais se referem, respectivamente, à utilização direta pelos seres humanos (e.g., medicinal e alimentação) e ao fornecimento aos animais (e.g., etnoveterinária e forragem).

Das espécies coletadas, segundo informantes, seis seriam utilizáveis com fins medicinais para tratar doenças em humanos (**tipo conexivo médico direto**): mandacaru-de-boi, palma-de-gado, xique-xique, palmatória, rabo-de-raposa e cabeça-de-frade. Exemplos de citações a esse respeito são os seguintes:

*A raiz da palmatória serve pra quentura na uretra* (D.D., 21 anos).

*A raiz do mandacaru é boa pra gripe, cozinha e bebe o chá* (Z.E., 62 anos).

As cactáceas têm sido utilizadas amplamente na medicina tradicional por curandeiros mexicanos como analgésicos, antibióticos, diuréticos e para problemas intestinais (HOLLIS & SCHEINVAR, 1995). No Brasil, o uso et-

nomédico de cactáceas é registrado nos trabalhos de SILVA (1984), BANDEIRA (1993), AGRA (1996), MOTA (1997), COSTA-NETO & MORAES (2000), TOURINHO (2000) e ANDRADE *et al.* (2001).

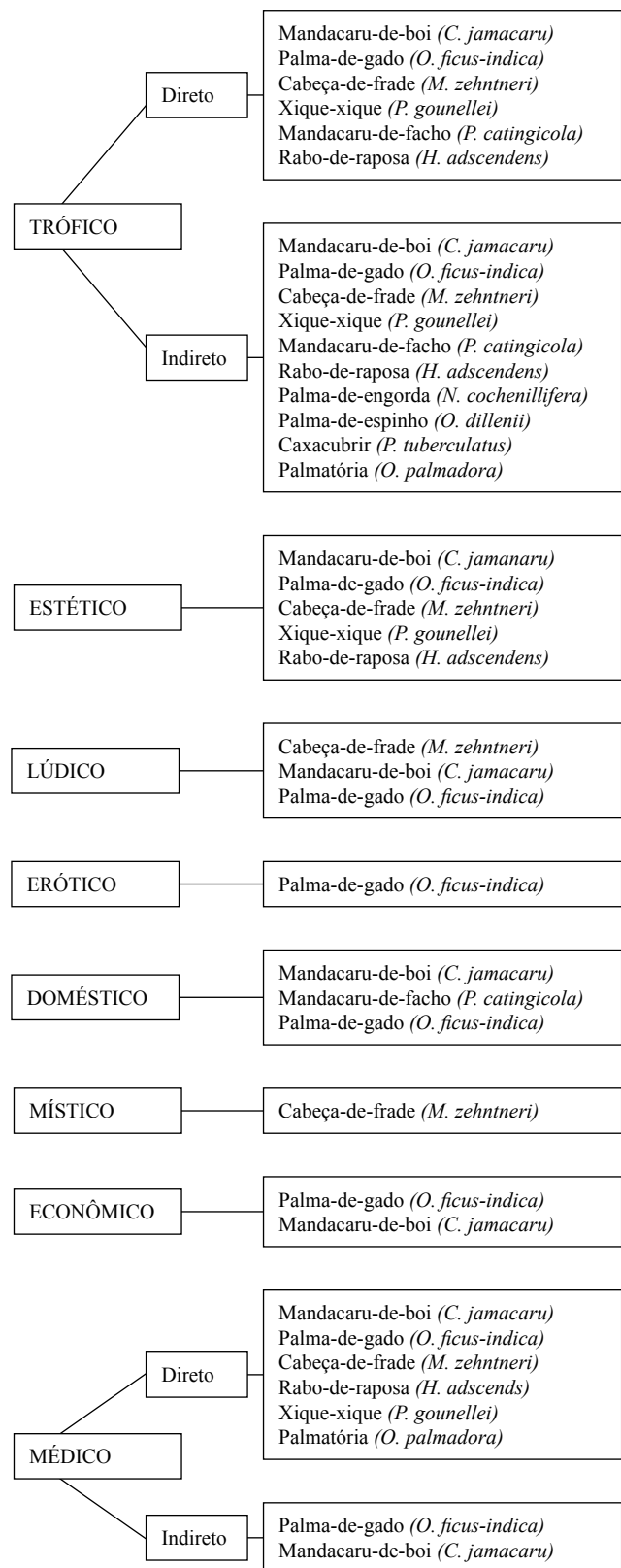


Fig. 1. Utilização de espécies de cactáceas de acordo com os tipos conexivos detectados em cinco municípios do semi-árido baiano.

Foram mencionados 21 problemas de saúde, que são tratáveis com cactos: quentura, inflamação vaginal, infecção urinária, gripe, inflamação no útero, dor de barriga, rendidura, engasgado, ressecamento, dor na coluna, sífilis, problema nos rins, problema de uretra, “estrepe”, cólica, problema no intestino, doença do tempo, problema de “prótese” (próstata?), dor de dente, “barriga inchada” e “desinteria”.

Com aplicação etnoveterinária (**tipo conexivo médico indireto**), as etnoespécies identificadas foram: mandacaru-de-boi e palma-de-gado. Um exemplo de citação de informante é o seguinte:

*O espinho do mandacaru serve pra costurar parto de gado. Põe eles cruzado. Com o tempo cai (E.L., 27 anos).*

O **tipo conexivo trófico direto** diz respeito à utilização de plantas na alimentação humana. Foram citados os seguintes cactos: palma-de-gado, mandacaru-de-boi, rabo-de-raposa, cabeça-de-frade, xique-xique e mandacaru-de-facho. Destes, tanto frutos (Fig. 2) como outras partes vegetais são comestíveis, como, por exemplo, a medula e o “miolo” (parênquima aquífero). Sobre o seu uso, informantes disseram:

*O doce da cabeça-de-frade é a melhor coisa do mundo (V.M., 87 anos).*

*A fruta da palma dá pra fazer um suco maravilhoso (D.L., 29 anos).*

Alguns autores citam os frutos de algumas cactáceas como comestíveis (JENSEN, 1975; OUDSHOORN, 1975; BRAGA, 1976; GOMES, 1977). Segundo depoimentos de informantes os frutos da cabeça-de-frade, de rabo-de-raposa e de xique-xique são os menos consumidos pelos sertanejos, por não serem tão saborosos como os frutos da palma e do mandacaru.

Considerado como prato típico na região da Chapada Diamantina, o “cortadinho de palma” está entre as comidas típicas mais apreciadas pelos moradores e turistas da região. É considerado um prato trivial e indispensável acompanhamento para o feijão com arroz, servido quase todos os dias na mesa dos moradores de Rio de Contas. A receita é descrita por um informante local da seguinte forma: *pega os brotos, tira os espinhos, corta em pedaços pequenos. Tira a baba com vinagre ou limão e põe para ferver. Em seguida escorre a palma e mistura com o tempero: sal, óleo, alho, cebola, cominho, bacon ou toucinho, salsa e coentro. Cozinha durante 15 minutos.* Do ponto de vista transcultural, é interessante o fato de que esse cortadinho de palma seja conhecido pelos mexicanos por “nopalitos”, brotos de palma jovens, descascados e cortados, depois cozidos.

Foi relatado que moradores de Valente e São Domingos utilizam a palma-de-gado na forma de saladas e sucos. Embora a palma seja um importante recurso ali-

mentar em alguns locais, nos municípios de Queimadas e Santaluz somente em ocasiões de extrema seca é considerada útil como alimento. Segundo depoimentos, a palma é usada na alimentação do sertanejo quando os artigos estão jovens e desprovidos de espinhos:

*A palma só presta pra comer bem novinha (V.M., 87 anos).*

*A palma pra comer tem que tá com uma folha bem novinha (M.S., 64 anos).*



Fig. 2 . Frutos comestíveis de cactáceas: A) fruto do mandacaru-de-boi (*C. jamacaru*); B) fruto do rabo-de-raposa (*H. adscendens*); C) fruto do xique-xique (*P. gounellei*). Fotos de Wagner Guerreiro.

No município de Valente, o doce da cabeça-de-frade é conhecido como “jega”, sendo muito apreciado por moradores da região (Fig. 3). Esta informação encontra ressonância em PEDROSA (2000), que cita a polpa da coroa-de-frade (*Melocactus* sp.) como sendo utilizada na culinária alagoana para fazer cocadas, doces e licores.

O **tipo conexivo trófico indireto** refere-se, no caso específico, a plantas utilizadas para forragens. As etnoespécies identificadas foram as seguintes: caxacubrir, palmatória, palma-de-gado, mandacaru-de-boi, rabo-de-raposa, palma-de-engorda, cabeça-de-frade, xique-xique, manda-

caru-de-facho e palma-de-espinho. Depoentes afirmaram o seguinte:

*Em tempo de seca, bota fogo nos espinhos do xique-xique e palmatória pra dá pros bichos ( M.S., 64 anos). A palma e o mandacaru é uma boa ração pro gado (N.V., 27 anos).*



Fig. 3. Doce feito a partir do “miolo” da cabeça-de-frade (*Melocactus* sp.). Foto de W. Guerreiro.

Existem alguns trabalhos relevantes que confirmaram a utilização de cactáceas como forrageiras na região do semi-árido nordestino: BRAGA (1976), GOMES (1977), DUQUE (1980), LIMA (1996) e MENDES (1997). Este último autor cita cactáceas nativas, como mandacaru (*C. jama-caru*), coroa-de-frade (segundo ele, *M. bahiensis*), facheiro (segundo ele, *P. piauhiensis*) e o xique-xique (*P. gounellei*), como fornecidos ao gado por ocasião das secas, após a queima dos seus espinhos, o que, pelo menos parcialmente, foi confirmado por informantes:

*Em época de estiagem, descasca a cabeça-de-frade e dá pros bichos. A palma serve de ração pra bicho em tempo de verão. Em tempo de chuva usa capim (L.V., 42 anos).*

*Quando os animais tá com fome, bota fogo na palmatória, esfria e eles comem (D.E., 70 anos).*

Um morador da Rua da Palha, em Santaluz, relatou que, depois da coleta da palma, do mandacaru, do xique-xique ou da palmatória, queimam-se os espinhos, corta-se o cladódio em pedaços e depois coloca-se numa vasilha ou “colcho” grande de madeira “para que o animal não pegue doença”. Segundo um outro informante, a utilização atual de um maçarico facilita a prática da queima dos espinhos.

Dos cactos utilizados como forrageiros, a palma-de-gado foi a mais citada pelos informantes. Segundo MENDES (1986), a palma forrageira, embora seja pobre em proteínas, constitui planta de grande importância, com elevados teores de vitaminas e sais minerais. Segundo ele, as “raquetes” picadas são de boa palatibilidade e ótima digestibilidade, além de conterem quantidade de água suficiente para saciar a sede dos animais.

A palma (*O. ficus-indica*) combinada com pasto e torta deixa o gado mais gordo, aumentando a produção do

leite (DUQUE, 1980). Um morador do município de Valente disse que a palma complementada com o milho sustenta a criação de bezerros durante o ano todo.

A palma-de-engorda, também chamada localmente de palma-doce, é considerada boa forragem pelos sertanejos:

*A palma-de-engorda é a melhor ração pro gado. O gado gosta mais dela porque ela é mais doce (V.V., 29 anos). Os bicho gosta da palma-doce: tem uma fruta e flor vermelha (Z.E., 62 anos).*

Também denominada por MENDES (1986) como palma-miúda e palma-pequena, esta espécie é por ele considerada a mais palatável e a de maior valor nutritivo dentre as cactáceas cultivadas no Nordeste.

O **tipo conexivo lúdico**, no caso específico, refere-se a cactos utilizados em brincadeiras. Crianças ou adultos relataram que utilizam ou utilizaram os frutos da cabeça-de-frade, da palma-de-gado e do mandacaru cortados em pequenos pedaços para serem “comidas” de bonecos:

*As menina daqui de casa quando eram pequena brincava com as frutinhas da cabeça-de-frade (D.E., 70 anos).*

*Eu já brinquei muito quando era pequeno com a palma e mandacaru, cortava e dizia que era carne (D.D., 21 anos).*

O **tipo conexivo estético**, que no caso específico diz respeito aos cactos utilizados para fins ornamentais, esteve representado em relatos que citaram a decoração das casas em épocas natalinas, nas “lapinhas” (presépios), com as etnoespécies: cabeça-de-frade, palma-de-gado, mandacaru-de-boi, xique-xique e rabo-de-raposa:

*Em tempo de lapinha, usa a croa-de-frade e o xique-xique pra enfeitar a casa (E.L., 27 anos).*

*Pra enfeitar dentro de casa a cabeça-de-frade é boa. Bota no caqueiro, fica bem bonito (J.Z., 30 anos).*

Plantadas em jarros ou no chão, a cabeça-de-frade (*Melocactus* sp.) e o xique-xique (*P. gounellei*) têm uso registrado como ornamentais por moradores das caatingas (ANDRADE-LIMA, 1989). LIMA (1996) citou duas espécies de cactáceas que, além do uso forrageiro, seriam empregadas na ornamentação de avenidas, ruas, parques e jardins: *C. jama-caru* (mandacaru-de-boi), *P. pachycladus* (facheiro), o que está de acordo com RIZZINI & COIMBRA (1988) quando dizem que vários cactos são considerados ornamentais, ora pela coloração da epiderme da planta, ora pelo exótico das formas.

Com relação ao **tipo conexivo econômico** (no caso específico, compra-e-venda), duas espécies foram identificadas: *O. ficus-indica* (palma-de-gado) e *C. jama-caru* (mandacaru-de-boi). O sertanejo vende a palma e o mandacaru como forragem em tempo de seca para as roças de fazendeiros da região. Alguns depoimentos sobre a comercialização dessas plantas foram registrados nos municípios de Santaluz e Valente.

*Quem não tem palma, compra* (J.T., 40 anos).  
*A fruta do mandacaru é boa. É um real a dúzia. Vende muito* (V.M., 87 anos).  
*O povo costuma vender a palma e o mandacaru pra quem não tem ração pra dá pro gado* (R.O., 62 anos).

Os frutos da palma-de-gado e do mandacaru-de-boi são vendidos nas feiras livres na Rua da Palha no município de Santaluz.

Foi relatado um uso da cabeça-de-frade, que aparentemente situa-se em uma interface entre o **tipo conexivo médico** e o **tipo conexivo místico** (atribuição à sobrenaturalidade). No município de Valente, uma moradora disse que:

*Coloca a cabeça-de-frade dentro de um prato, enche de água, bota três dentes de alho...essa simpatia é boa pra doença do tempo* (I.C., 55 anos).

HOLLIS & SCHEINVAR (1995) descreveram os usos das cactáceas na magia, destacando um ritual realizado por indígenas mexicanos que bebiam um chá feito da raiz do peyote (*Lophophora williamsii*) como meio de purificar o corpo e a alma, além de curar enfermidades. Os “peyoteiros” reúnem-se celebrando uma festa oferecendo a bebida aos deuses até o amanhecer. Rituais, superstições ou simpatias são práticas associadas ao sobrenatural (ARAÚJO, 1959). Este autor diz que gestos e palavras podem ser eficientes para prevenção de males. Outros rituais que envolvem cactáceas são destacados nos trabalhos de DURREL (1988) e TORRES (1984). O primeiro autor, relata o uso de doze produtos diferentes a partir do cacto gigante saguaro do deserto de Sonora (Sudoeste dos USA) pelos índios Papago. Dentre eles, o de um vinho que é empregado em um ritual para provocar chuva. O segundo autor conta várias histórias de duas tribos no início do século XVIII, a dos Xukuru e dos Kariri. Dentre elas a lenda de Pissorê, um cacique que protegia a cidade de Palmeira dos Índios (AL), que desta, conta o seguinte: *Quando Pissorê desapareceu, houve um clamor geral. Uns diziam que o grande chefe havia morrido, outros não...vários índios e índias saíram à sua procura. Nesta caravana de aflição, as mulheres quando se sentiam cansadas, desciam os filhos que traziam escrachados aos quadris sobre as pedras para repousarem um pouco. Ao ser colocada sobre a pedra, toda criança se transformava numa planta redonda e cheia de espinhos, conhecida hoje pelo nome de coroa de frade* (grifo do autor) (TORRES, 1984).

O **tipo conexivo erótico**, que se relaciona ao uso sexual das plantas pelos seres humanos com o objetivo de lidar com a sua sexualidade, evidenciou-se no depoimento de uma moradora da comunidade de Lagoa Coberta, município de São Domingos, que relatou, de maneira “secreta” para que os seus filhos não participassem da conversa e/ou a ouvissem, o uso sexual com a palma-de-gado.

*Aqui perto tinha um seres humanos que pegava a palma e fazia de mulhé no mato. Ele fazia um buraco. Várias pessoas viu ele fazendo isso no meio do mato. Ele já foi*

*embora daqui. Era home casado, tinha filha e tudo, não sei poque ele fez isso* (N.I., 32 anos).

Tal depoimento é coincidente com idêntico uso que se faz no Semi-árido alagoano (EDUARDO GAIA, com.pess.).

Existem plantas consideradas eróticas que induzem à afrodísia e ao aumento de libido (SANGIRARDI, 1981). Este autor descreve 150 plantas usadas no tratamento de problemas sexuais, dentre eles, a impotência. Apesar desse grande número de vegetais citados como ligados ao erotismo, nenhum dos exemplos trata de espécies da família das cactáceas.

A utilização de plantas na feitura de casas (e.g., para feitura de portas, janelas, caibros, ripas e até como fixador de pinturas) é uma característica do **tipo conexivo doméstico**. As espécies etnotaxonomicamente identificadas como tendo essa finalidade na área de estudo foram: palma-de-gado, mandacaru-de-boi e mandacaru-de-facho.

O uso do tronco (medula lenhosa) dos últimos foi relatado pelos informantes para a feitura de portas, janelas, caibros e ripas:

*O mandacaru-de-facho serve pra fazer ripa de casa, o mandacaru-de-boi serve pra fazer caibo, o mandacaru-de-facho serve pra madeira de vários tamanhos pra cobertura de casa. Dura 20 ou 30 anos* (E.L., 27 anos).  
*O facheiro não dá táboa, dá só pra fazer ripa de casa, porque ele é fino, o mandacaru-de-boi serve pra fazer caibo, porta e janela porque dá uma madeira larga* (V.Z., 62 anos).

Segundo entrevistados, o mandacaru-de-facho, também chamado de facheiro e de mandacaru-babão, fornece uma madeira “fina e resistente para fazer ripa de casa”. Poucas casas na região ainda mantêm a madeira dessa planta como ripas. Os ramos longos e descascados do facheiro (*Pilosocereus pachycladus* Ritter) são citados em LIMA (1996) como sendo úteis para fazer ripas de cobertura de casas.

Do tronco do mandacaru-de-boi é retirada uma madeira mais leve e com uma maior largura para fazer caibros, portas e janelas (Fig. 4), uso este corroborado pelo trabalho de BRAGA (1976), que cita que tábuas com até 30 cm de largura são retiradas do tronco do mandacaru-de-boi para confeccionar portas e janelas. Quanto ao uso atual, alguns moradores dizem que não mais o fazem, pela facilidade de adquirir a madeira diretamente das serrarias. Uma moradora da comunidade de Lagoa Coberta, São Domingos, disse que a sua residência tem ripas de mandacaru há 50 anos e que elas são muito mais resistentes que as ripas atualmente feitas de outras madeiras. ANDRADE-LIMA (1989) menciona que a madeira do mandacaru tem longa duração quando não está em contato com os agentes decompositores do solo.

O fato de ter encontrado poucas casas com elementos fabricados com a madeira extraída de cactáceas mostra fortes sinais de evanescência deste uso na região. Recentemente, foi trazida para o município de Valente e difundida em outras áreas da região a pintura de casas com a mucilagem da palma associada à cal (Fig. 5), uma téc-

nica oriunda do México e introduzida por agrônomos da APAEB (Associação de Pequenos Agricultores do Estado da Bahia). Segundo um técnico agrícola desta organização não governamental, tal alternativa socioeconômica beneficiou os moradores contribuindo na redução de custos e na prevenção de doenças. A técnica consiste no seguinte: 15 litros de água para cada artigo da palma, que é posto de molho por 24 horas; posteriormente, coa-se a solução e mistura-se com a cal, resultando em um líquido pegajoso semelhante a tinta comum.

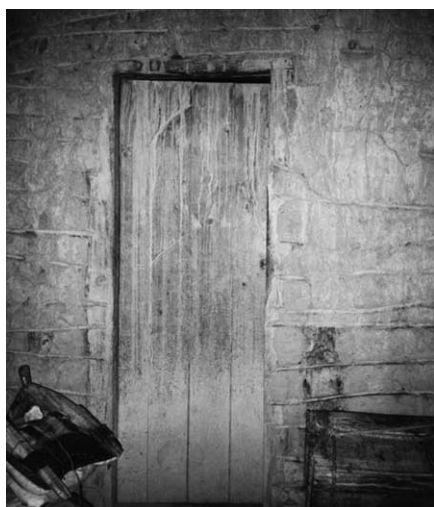


Fig. 4. Porta feita da madeira extraída do mandacaru-de-boi (*Cereus jacararu*) em uma residência do município de Canudos, BA. Foto de W. Guerreiro.

Os sertanejos logo aprovaram a técnica, já que cultivam a planta na própria roça. A mucilagem da palma, neste caso, é considerada um fixador natural da cal, tornando-se o processo de pintura mais resistente e barato que a tinta comercial. Supõe-se que a qualidade de vida dos moradores da região possa ter melhorado, pois a técnica previne que insetos como o barbeiro (*Triatoma* sp.) venham a se alojar nas frestas das casas de taipa.

QUIRÓS (1985) diz que este tipo de “caiação” é muito bom para estábulos e galinheiros porque é germicida e tapa possíveis esconderijos de pequenos insetos. Este autor diz que esta técnica considerada como uma impermeabilização natural é preparada da seguinte maneira: utiliza-se um saco de cal para cada 100 litros de água, fazendo-se uma mistura à qual se incorporam 20 “pencas” de palma de tamanho regular devidamente picadas, descascadas e sem espinhos. Esta mistura deve repousar durante 24 horas. No dia seguinte, a preparação está adequada para ser aplicada sobre os muros de terra compactada, proporcionando um branco intenso, altamente impermeável. Segundo ADAMS (2001), as moléculas da mucilagem da palma (*O. ficus-indica*) formam uma película sobre a cal impedindo a passagem das moléculas de água.

Um tipo conexivo interessante que ocorre no Semi-árido baiano (*e.g.*, no município de Ipirá: Rita Falcão, com. pess.), e que não apareceu nos depoimentos da região tratada neste trabalho, é o **tipo conexivo energético** que se

estabelece com o mandacaru-facheiro (provavelmente uma espécie de *Pilosocereus*, como o *P. catingicola*): a extremidade inflamada da sua medula – anteriormente ressecada por exposição ao sol – é utilizada para a queima de pastos. Talvez seja este uso o responsável pelo nome vernáculo do cacto: “facheiro” ou “de facho”.

Poucos outros usos não se enquadraram na tipologia proposta por MARQUES (1993). Tais usos foram os seguintes: construções de cercas vivas com o mandacaru-de-facho, mandacaru-de-boi e palma-de-espinho; enchimento de selas com tricomas lanosos da cabeça-de-frade; feitura de gaiola de passarinho e “caneta de cachimbo” com o rabo-de-raposa; tecedura de “aió” (cesta) com o espinho do mandacaru-de-boi.

Encontram-se pelas estradas da zona rural dos municípios de Santaluz, São Domingos e Valente muitas cercas feitas de mandacarus, cercando casas e fazendas da região. Segundo um morador do município de Queimadas, essas “*planta de espinho*”, quando plantadas ao lado da cerca e atingem aproximadamente 1m de altura, são bastante eficientes para que nenhum animal passe por ela. A cerca viva, além de ser um instrumento de delimitação de espaço, serve como barreira natural. A esse respeito, um informante disse:

*A palma-de-espinho serve de cerca pra que bicho nenhum passe. Isso faz porque aqui a madeira é difícil de conseguir* (L.V., 42 anos).

Segundo ANDRADE-LIMA (1989), nas caatingas baianas, o quiabento (*Pereskia bahiensis* Guerke), por sua armadura altamente agressiva, associada ao emaranhado de seus ramos, presta-se para a construção de cercas vivas. O trabalho de BARROS (1985) sobre as cercas sertanejas da região nordestina classifica vários tipos de cercas de acordo com sua utilização. Dentre as variedades dos tipos de cercas encontradas no sertão baiano, a palma-de-espinho, o mandacaru-de-boi e o mandacaru-de-facho são utilizados como cercas vivas, demarcando territórios entre as propriedades. Adicionalmente, TAYLOR (2000) cita o uso dos gêneros *Brasiliopuntia* e *Pereskia* no Brasil Oriental. CRUZ (1982) cita o mandacaru (*C. peruvianus* Mill., *sic.*) na formação de cerca de espinho.

O enchimento de selas feito com os tricomas lanosos do cefálio da cabeça-de-frade (*Melocactus* sp.) foi registrado fotograficamente (Fig. 6) e através de depoimentos de vaqueiros e agricultores da região:

*A lâ do chapéu da cabeça-de-frade serve pra encheio de sela, cangalha e almofada* (V.V., 29 anos).

*Tira a lâ da cabeça-de-frade bota num saco, deixa secar bem pra tirar os espinho pra labutar melhor pra encher cangalha* (C.O., 74 anos).

Em algumas áreas das caatingas o cefálio de cactácea do gênero *Melocactus* foi citado para encher almofadas e cangalhas, especialmente aquelas para jumentos (ANDRADE-LIMA, 1989). Para fazer a “caneta de cachimbo”, um informante disse o seguinte:

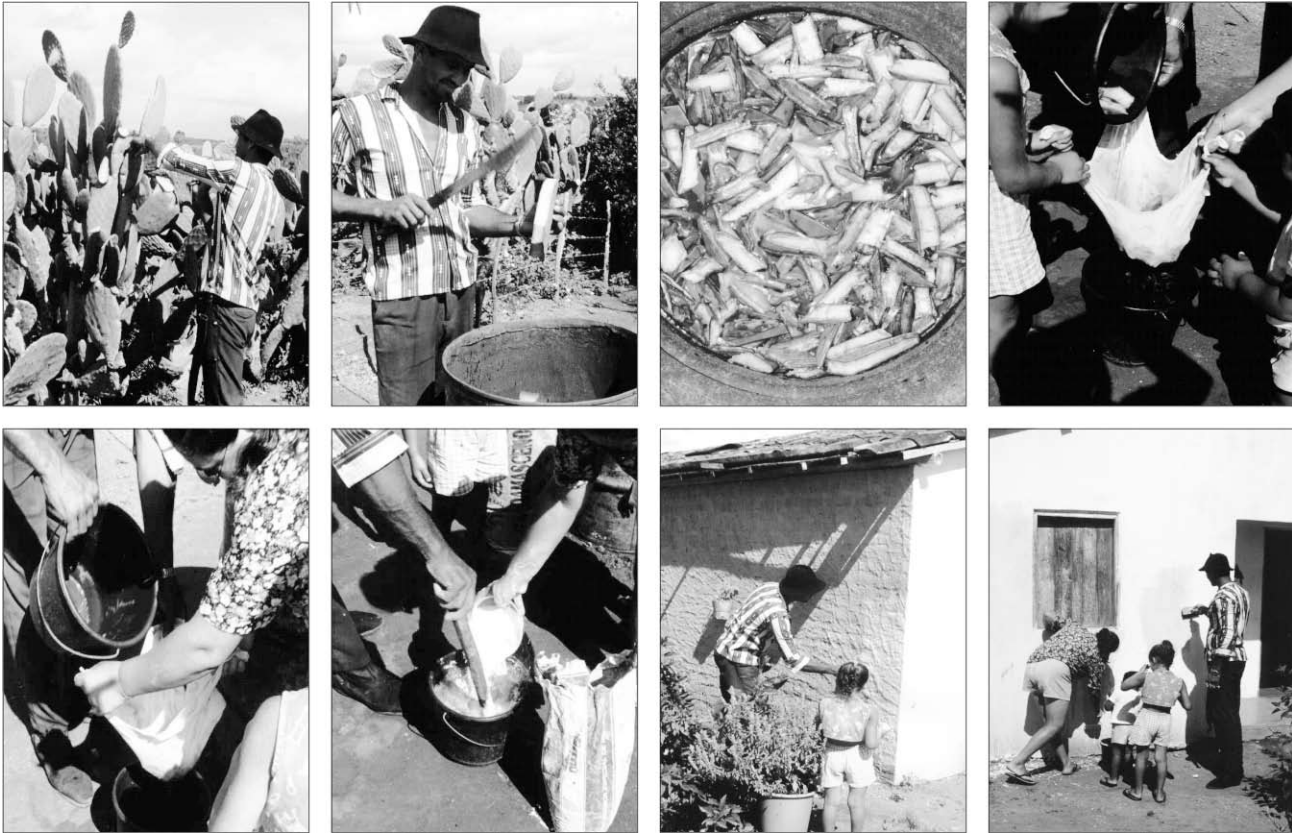


Fig. 5. Etapas da pintura de uma casa com mucilagem da Palma (*O. ficus indica*) no município de Valente-BA. Foto de Rodrigo Stolze.

*Faz caneta de cachimbo com o rabo-de-raposa, pega ele, descasca, bota pra secar e enfia um arame pra tirar a massa de dentro naquele canudozinho e faz a caneta (V.V., 29 anos).*

Segundo este informante, hoje em dia os fumantes de cachimbo preferem essa técnica à tradicional, uma vez que o furo realizado na planta é maior, aumentando o “sabor da fumaça”.

Para fazer gaiolas de passarinho, segundo alguns moradores locais, basta extrair a madeira (medula lenhosa) do rabo-de-raposa e secá-la ao sol.



Fig. 6. Enchimento de sela com tricomas lanosos de cactácea do gênero *Melocactus* no município de Queimadas, BA. Foto de Cássia Tatiana.

Um informante citou que o espinho do mandacaru-de-boi servia antigamente como agulha para tecer o aió, o qual, segundo o próprio, é um tipo de “bocapio” (cesta feito com as fibras do caroá (*Neoglaziovia variegata*)).

As categorias de uso que incluíram o maior número de espécies taxonomicamente identificadas (Fig. 7) foram as correspondentes aos tipos conexivos trófico indireto ( $n=10$ ), trófico direto ( $n=6$ ) e médico direto ( $n=6$ ). As que incluíram menor número foram os tipos conexivos erótico ( $n=1$ ) e místico ( $n=1$ ).

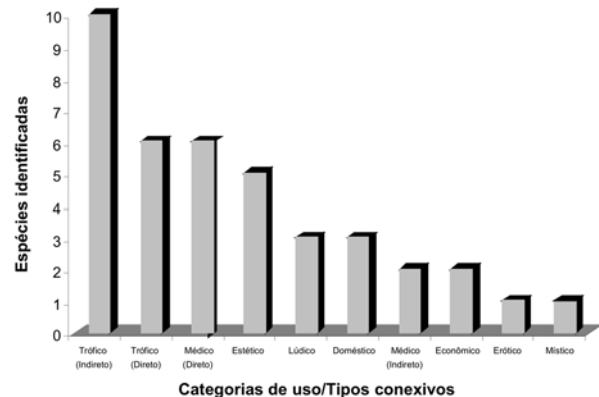


Fig. 7. Número de espécies taxonomicamente identificadas ( $N=10$ ) por cada tipo e subtipo conexivos (enquadráveis na tipologia de Marques), detectados no semi-árido baiano.



Foram detectadas tanto conexões com *status* de permanência forte (*e.g.*, feitura de cercas vivas, ornamentação, comercialização, preparo de remédios) quanto com *status* de residuárias fracas (*e.g.*, feitura de portas, janelas, ripas e caibros) e os múltiplos usos de cactáceas citados na literatura são concordantes com os relatos dos sertanejos (Tabela 1).

A tipologia de Marques mostrou-se útil (eficaz e suficiente) para uma abordagem utilitária da conexão seres humanos/cactáceas no sertão baiano, o que sugere o seu potencial para análises descritivas da conexão Homem/vegetal em geral. Seu caráter parcimonioso permitiu, no caso

específico, que se chegasse a uma descrição abrangente, sintética e sistemática, partindo-se de uma categorização que inclui o maior número das possíveis interações seres humanos/cactáceas em um número mínimo de categorias, reduzindo assim a incômoda categoria utilitária denominada “outros”.

#### AGRADECIMENTOS

Aos funcionários da APAEB (Associação dos Pequenos Agricultores do Estado da Bahia), pelo apoio e grande contribuição ao acesso à zona rural e a todos os informantes locais.

Tabela 1. Comparação entre informações de sertanejos de alguns municípios do Semi-árido baiano e dados da literatura corrente sobre os múltiplos usos das cactáceas.

Citações dos informantes	Citações da literatura
“Também faz <u>doce</u> com a <u>cabeça-de-frade</u> , eu já fiz várias vezes...”	“Conhecido popularmente como <u>coroa de frade</u> no Sertão de São Francisco, costuma-se fazer cocadas, <u>doce</u> s e licores usando a polpa do mesmo” (PEDROSA, 2000).
“O <u>mandacaru-de-facho</u> serve pra fazer ripa de casa, tem uma madeira forte, basta ficar dois dias no sol e tá seco.”	“O <u>mandacaru-facheiro</u> ( <i>Pilosocereus pachycladus</i> ) é um importante cacto colunar com <u>um tronco muito forte</u> que serve como caibros e ripas para cobertura de casas” (LIMA, 1996).
“Em tempo de lapinha, usa a croa-de-frade pra enfeitar casa...”	“Plantadas em jarros ou no chão, as croas-de-frade ( <i>Melocactus</i> sp.) vêm sendo usadas como <u>ornamentais</u> ” (ANDRADE-LIMA, 1989).
“As lâ do chapéu da cabeça-de-frade usa pra encher cela, <u>cangalha</u> ou <u>almofada</u> .”	“Os <u>pêlos lanosos do cefálio da cabeça-de-frade</u> são usados para o <u>enchimento das almofadas das cangalhas</u> ” (ANDRADE-LIMA, 1989).
“A <u>raiz do mandacaru</u> serve principalmente para <u>problemas nos rins</u> ”	“Usa - se a <u>raiz do mandacaru</u> no tratamento de <u>problemas renais</u> , principalmente pedra nos rins” (AGRA, 1996).
“A palma serve de <u>ração pra bicho</u> em tempo de verão.”	“A palma ( <i>Opuntia ficus-indica</i> ) constitui uma das mais importantes bases da <u>alimentação do gado</u> ” (GOMES, 1977).
“Em tempo de seca, a gente <u>queima os espinhos do xique-xique e do mandacaru</u> pra dá pros bichos.”	Na seca, o sertanejo busca na caatinga alguns cactos, como o <u>xique-xique e o mandacaru, para dar ao rebanho</u> , depois de <u>queimar os espinhos</u> (BARBOSA & MALTCHICK, 1998).
“Faz um <u>chá com a raiz da palma</u> pra problema de quentura na uretra.”	Um <u>chá feito a base de raízes de Opuntia</u> sp. atua como diurético (BARBERA <i>et al.</i> , 1999).
“A fruta da palma é boa, a gente come satisfeita, tudo quanto é bicho <u>come</u> .”	Os <u>frutos da palma</u> são bastantes apreciados pelo seres humanos e muito procurado pelos <u>animais domésticos</u> (LIMA, 1996).

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAMS KR. 2001. (Crow Canyon Archaeological Center). **The White Dove of the Desert, Mission San Javier Del Bac why nopal juis (*Opuntia ficus-indica*) is now used to protect mission walls.** Disponível online em <<http://ethnobiology.org/ethnobiology2001/abstracts.html>>. Acesso em 29/03/2001.
- AGRA MF. 1996. **Plantas da medicina popular dos Cariris Velhos Paraíba.** Brasil: PNE.
- ALEXIADIS M. 1996. **Ethnobotany research: a field manual.** New York: NYBG.
- ANDRADE CTS, JGW MARQUES & DC ZAPPI. 2001. Utilização de cactáceas por sertanejos baianos. Um exercício com a tipologia de Marques para definir categorias utilitárias. *m: REUNIÃO ANUAL DA SBPC*, 53. Salvador. **Anais/Resumos...** Salvador: SBPC/UFBA [CD-ROM].
- ANDRADE J. 1983. **Folclore na região do Salgado, Pará: teredos na alimentação, profissões ribeirinhas.** 2ª ed. São Paulo: Escola de Folclore.
- ANDRADE-LIMA D DE. 1989. **Plantas das caatingas.** Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciências.
- ARAÚJO AM. 1959. **Medicina rústica.** 2ª ed. São Paulo: Nacional.
- BANDEIRA FP. 1993. **Etnobiologia Pankararé.** Monografia (Bacharelado em Ciências Biológicas), Instituto de Biologia da UFBA, Salvador.
- BARBERA G, P INGLESE & E BARRIOS. 1999. **Agroecología, cultivos y usos del nopal. Estudio FAO Producción y Protección Vegetal.** Roma: FAO (mímio).
- BARBOSA C & L MALTCHICK. 1998. As estratégias do sertanejo. **Ciência Hoje** 24(142): 65-68.
- BARROS S. 1985. **Cercas sertanejas.** Recife: Massangana.
- BRAGA R. 1976. **Plantas do Nordeste: especialmente do Ceará.** 3ª ed. Mossoró.
- COSTA-NETO EM & MV MORAES. 2000. The use of medicinal plants in the country of Tanquinho, state of Bahia, Northeastern Brazil. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais** 2(2):1-80.
- CRUZ GL. 1982. **Dicionário das plantas úteis do Brasil.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- DUQUE G. 1980. **O Nordeste e as lavouras xerófilas.** 3ª ed. Mossoró.
- DURRELL L. 1988. **Gaia: el futuro del Arca.** Espanha: Hermann Blume.
- GOMES RP. 1977. **Forragens fartas na seca.** 5ª ed. São Paulo: Nobel.
- HARPER D. 2000. Reimagining visual methods: galileo to Neomancer, p. 717-732. *In:* D Lincoln. **Handbook of qualitative research.** 2ª

- ed. London: Sage publications.
- HOLLIS H & L SCHEINVAR. 1995. **El interesante mundo de las cactáceas**. México: Fondo de Cultura Económica.
- JENSEN N. 1975. **Cactos**. Portugal: Presença.
- LIMA JL. 1996. **Plantas forrageiras das caatingas: usos e potencialidades**. Petrolina: EMBRAPA.
- MARQUES JGW. 1993. **Uma proposta tipológica para enquadrar as conexões básicas na abordagem etnoecológica abrangente**. Manuscrito não publicado.
- MARQUES JGW. 1995. **Pescando pescadores: etnoecologia abrangente no baixo São Francisco alagoano**. São Paulo: NUPAUB/USP/IDRC.
- MENDES BV. 1986. **Alternativas tecnológicas para a agropecuária do Semi-Árido**. São Paulo: Nobel.
- MENDES BV. 1997. Importância social, econômica e ecológica da caatinga, p. 26-35. *In*: SIMPÓSIO BRASILEIRO SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMI-ÁRIDO, 1. *Anais...* Mossoró.
- MOTA CN. 1997. **Jurema's children in the forest of spirits: healing and ritual among two Brazilian indigenous groups**. London: Intermediate Technology Publications.
- OUDESHOORN W. 1975. **O livro dos cactos**. Lisboa: Presença.
- PEDROSA TM. 2000. **Arte popular de Alagoas: pesquisa e organização**. Maceió: GrafiteX.
- QUIRÓS JQ. 1985. **El conjunto ecológico autosuficiente**. México: Promoción Ecológica Campesina (mimio).
- RIZZINI C & A COIMBRA. 1988. **Ecosistemas brasileiros**. São Paulo: Index.
- SANGIRARDI JR. 1981. **Plantas eróticas**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica.
- SERAINÉ F. 1983. **Antologia do folclore cearense**. Ceará: Pub. Edições da Universidade Federal do Ceará.
- SERRA OJT, FP BANDEIRA, JC RÉGO, JL SOBRINHO, LM PACHECO & MM BARRETO. 2000. Farmácia e cosmologia: a etnobotânica do candomblé na Bahia. **Etnoecológica** 4(6):11-32.
- SILVA M. 1984. Ecologia das comunidades vegetais da caatinga – Prioridades de Pesquisa, p. 185-188. *In*: SIMPÓSIO SOBRE CAATINGA E SUA EXPLORAÇÃO RACIONAL. *Anais...* Brasília (DF). 1986.
- SILVANO RAM. 2001. **Etnoecologia e história natural de peixes no Atlântico (Ilha dos Búzios, Brasil) e Pacífico (Moreton Bay, Austrália)**. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- TAYLOR NP. 2000. **Taxonomy and phytogeography of the Cactaceae of Eastern Brazil**. Tese (Doutorado).
- TOLEDO V. 1992. What is ethnoecology? Origins, scope and implications of a rising discipline. **Etnoecológica** 1(1): 5-21.
- TORRES L. 1984. **Os índios Xukuru e Kariri em Palmeira dos Índios**. 4ª ed, Maceió: IGASA.
- TOURINHO MJ. 2000. Abordagem etnofarmacológica das plantas medicinais diuréticas no povoado de Capim Grosso, município de Canindé de São Francisco, Sergipe. **Curitiba** 3(1): 34-47.